

ROCHA PEIXOTO

---

# A Terra Portugueza

(CHRONICAS SCIENTIFICAS)



PORTO  
LIVRARIA CHARDRON  
DE LELLO & Irmão, EDITORES  
—  
1887

ROCHA PEIXOTO

---

# A Terra Portugueza

(CHRONICAS SCIENTIFICAS)



PORTO  
LIVRARIA CHARDRON  
DE LELLO & IRMÃO, EDITORES

1897

## AS COLONIAS

E

## A OPINIÃO NACIONAL

Os recentes acontecimentos em terras portuguezas do Oriente veem promover, intempes-  
tivamente e sem vantagens, para lá e para a  
metropole, inesperados dispendios que mais  
avultarão a totalidade das sommas já gastas  
com o ainda actual episodio guerreiro da Afri-  
ca oriental. Aqui, como na outra banda do con-  
tinento, os enormissimos e até mal conheci-  
dos sacrificios do paiz para a realisação d'uma  
administração ultramarina ainda pessima, de  
obras publicas irregulares e deficientes, de fo-  
mento mineiro e agricola apenas embryonado,  
de navegação mesmo, e do muito que se não  
sabe ou que se não conta, esses sacrificios,  
dizia, obterão seu fructo se conseguirmos es-  
tas duas simples coisas: organisação do tra-  
balho constante pelo indigena amansado, in-



dustriado, subordinado, e grandes capitaes para custearem permanentemente, intensivamente a exploração do bravío africano.

Mas em Timor e na India, desgarrada a primeira entre terras hollandezas cuja administração não soubemos imitar sequer, subjugada a segunda pelo predomínio mercantil inglez, que beneficios resultarão dos desembolsos a que obrigam o paiz os ardis audaciosos de tribus guerrilheiras ou uma insubordinação de casernas?

Da meia ilha, rica de productos faunicos e agricolas, nunca logramos obter a compensação do que nos tem custado o seu governo. Mandando-lhe apenas empregados — porque, devéras, não merecia a pena induzir colonos miseraveis a competirem com a judiciosa administração secular das terras visinhas — restam os indigenas com a sua actividade intermittente e insciente, mais ociosos do que explorados, incapazes, sem a iniciativa e o governo europeus, para, d'um restricto tracto de solo, alcançarem tanto como o que naturalmente poderam conseguir os possuidores dos vastos dominios hollandezes. E das ruinas que nos ficaram da India, dizia, não ha muito, alguém (F. Nogueira) que dos negocios ultramarinos conhece superiormente a historia e a economia: « Por mais que eu contasse vir encontrar um paiz decadente ou em estado de ex-

trema ruina, o que eu via excedia tudo quanto podia ter imaginado.»

Arrazada a antiga industria fabril pela competencia britanica, restava a exploração agricola cujo exemplo animador vinha ainda da colonia proxima. A India Inglesa plantára, a pouco e pouco, os seus duzentos mil hectares de coqueiro, regularisára os ordenamentos florestaes, alargára o cultivo do algodão em grande escala, agricultára vastamente o arbusto do chá, plantára, em grandes areas, o tabaco. E na possessão portugueza conjuncta, ficavam incultas as terras de Gates onde a theacea obteria o melhor successo agricola, importava-se o tabaco para consumo, não obstante os ensaios denunciarem que se alcançaria fumo como o melhor de Manilha, plantava-se o algodão nos quintaes como curiosidade, arruinavam-se as plantações da canna saccharina, permittiam-se os derrames e as queimadas damnosas dos arvoredos e até nem arroz bastante se cultivava para o gasto interno.

A profunda decadencia a que chegou a India portugueza, por nossa causa e pela incuria e corrupção indigenas, as complexas circumstancias que explicam a extraordinaria e irremediavel ruina d'aquelles sobejos de possessões, onde nem só os erros governativos mas as tendencias, indoles e temperamentos dos povos indigenas e mestiços contribuem para



a verdadeira calamidade que é para nós esse despojo do dominio asiatico d'outros tempos, documentam já sufficientemente, desmesuradamente, o penoso encargo de semelhante posse.

N'essa mescla ethnica que povôa a Índia portugueza não existem as qualidades de que carece a prosperidade do territorio. Vem de longe a ininterrupta serie de episodios que fazem da sua historia um deploravel quadro de torpezas e miserias; é mesmo essa a possessão que mais tem deslustrado o paiz, ás vezes com os desvarios da administração, sempre com as indomaveis tendencias da população estavel. Nada temos, pois, a esperar d'uma região em que inumeros precedentes corroboram a inefficacia do esforço metropolitano, das boas intenções e desejos, d'uma ou d'outra administração atinada e energica, dos desembolsos realizados n'um fallaz proposito de resurgimento. E sendo assim, para que desviar actividades, força e dinheiro de que tanto precisamos na Africa, esterilizando-as no trapo da Índia?

Tem sido difficil generalisar e fazer accete pelo paiz uma opinião ora timidamente emittida, raro audaciosamente lançada ácerca do papel que é tempo de assumirmos como nação colonisadora. Pobre de riquezas e de homens,

mas com um dominio ultramarino ainda vasfissimo, temos que escolher entre gastar pouco em todo elle, o que, como já alguem disse, é o mesmo que perder tudo, ou concentrar só n'uma parte os recursos possiveis. Ora não é certamente no residuo da India, na feitoria chinesa de Macau, nem na longinqua ilha a dois de Timor que deveremos applicar entendimento e numerario para erguer do seu abatimento esse decantado emporio colonial portuguez.

Sequer para justificar os avultados sacrificios que nos tem custado a Africa e cuja compensação vem distante, muito distante ainda, é n'este continente que o paiz tem de proseguir na sua obra de colonisação, de arroteamento agricola e de exploração mercantil. Certo, como é, que a administração africana encobre por vezes avultados dispendios alheios aos interesses coloniaes, e ainda a applicação de varias dotações ha sido leviana, inintelligente e esteril, não é menos verdade que, para as forças do paiz, as verbas gastas com proveito em Africa attingem uma estonteante somma. Em face d'ella já um illustre publicista notára, lamentando, que, não tendo nós manufacturas para trocarmos pelos generos indigenas, estivessemos a gastar muito dinheiro, fomentando só e afinal o commercio das grandes nações industriaes com as tribus negras.



A obra de viação, de navegação, de saneamento, incompletíssima ainda, mas já caríssima, não foi paralelamente acompanhada, como mal ainda é, dos grandes desbravamentos do solo, vastas installações agricolas, amplas culturas. A lavoura pratica-a o negro em pequena escala e intercadentemente, cuidando apenas ou do que lhe é preciso para as suas rudimentares necessidades immediatas, ou do que lhe traduza um meio de troca pelos objectos europeus que appetitece. A grande cultura, acertada e systematisada, é ainda bem restricta, porque não affluem capitaes para a Africa como acontecera no Brazil, onde os donatarios regaram de dinheiro o solo afim de o trazerem á producção e á renda.

Mas no paiz ainda hoje, levemente, desgraçadamente, a illetrada e irreflectida candura nacional pede o desvio da emigração para alli, como que a terra africana estivesse, outro Brazil, já aberta, como que o emigrante, inculto, exausto de recursos e só apto para laborações já encetadas e governadas, mudasse apenas d'um continente para outro a sua modesta alfaia agricola.

Os que decidem abandonar o continente, se a imprudencia d'alguem lhes desvia o caminho para a Africa, breve exhortam a protecção do Estado n'um emprego, a benemerencia das feitorias commerciaes, os meios de expa-



triação, se antes, por loucura ou por acaso, não morrem no interior ao tentarem a aventura d'um labor inconsistente.

Em tal solo rude e safaro, requeimado pelo calor e ameaçante de palustres, a agricultura é para pretos, com o mando de europeus. A emigração que cumpre promover é a do dinheiro, muito dinheiro para crear e administrar fazendas vastas, mas dinheiro particular — que a acção governativa, por melhor intencionada e por mais efficaz, não pôde nem deve estender-se até ao arroteamento por conta propria. Falhando esta iniciativa espontanea e independente dos favores do estado, este e os *brasseurs d'affaires* antecipam-se como melhor lhes apraz — e ahi começam os senhores a gritar contra os desmandos do alto e as famosas enfeudações a companhias.

Quem queira pôde aforar ou comprar terras em Africa; depois é enviar-lhes capitaes e homens para a administração e fisco. Aos governos cabe a subordinação do negro ao trabalho, alterando leis que uma illusão humanitaria generalisou até aos indigenas; cabem-lhes as obras publicas; cabe-lhes a alta administração. Deixal-os, porém, substituirem-se á honesta iniciativa privada, é, infelizmente, mas consequentemente, leval-os a essas concessões discutidas com horror e odio, desde as libras que enriqueceram Tal até aos direitos magestáticos que o paiz alienou!

Eis aqui. Estas são, a traço largo, as conclusões já deduzidas ou do exame directo nas varias possessões, ou do estudo desapassionado e lucido de todo o material historico e economico existente.

Não seria, decerto, com o assentimento dos nossos mais auctorizados viajantes e publicistas que os governos se veriam obrigados a dispendere milhares de contos para assegurar certos protectorados inuteis e conservar uma meia-ilha perdida, uma batota chineza e o indecoroso farrapo da India!

Mas a opinião em Portugal forma-se, nos assumptos coloniaes como no resto, pelos artigos dos jornalistas politicos, na sua grande maioria estranhos ás questões ultramarinas. As diversas attribuições do mister não lhes dariam tempo, se quizessem, para se occuparem devidamente d'uma materia bastante fadigosa e complexa. D'ahi o discorrer-se com o mais chocante desacerto e prejudicial leveza ácerca de problemas cuja solução envolve uma lenta preparação e um elevado tino, não só na parte restricta que nos importa, como na sua relação com as questões coloniaes geraes.

Todos se lembram ainda da irritada loquella parlamentar e jornalistica que uma proposta de alienação de certas colonias promoveu ha poucos annos; tempos antes já um illustre pu-



blicista, n'um livro notavel, concluia que seria loucura gastar a vida d'um só homem para defender Macau ou Goa, se a China ou a Inglaterra as pretendessem. Ora então, e ainda mais vezes, se desorientou e sobressaltou o ephemero interesse nacional ao dizer-se que lá queriam arrebatat-nos o sacratissimo patrimonio dos antepassados, o inexhaurivel thesouro legado e todas as outras girandolas de palavras com que é facil illudir um povo fundamentalmente imprevidente, ignorante e pueril!

Á questão colonial portugueza não preside, nem isso pôde succeder por enquanto, um plano de administração elevadamente estudado, meditado e amadurecido. Se estivesse feito e intentassem pôl-o em pratica não teriam proseguidores: era atacado porque ninguém acreditava e não acreditavam em virtude d'essa especie de scepticismo que, nos povos de desmarcada preguiça mental, substitue ou encobre a impotencia estudiosa e reflexiva.

O paiz que, em materia de colonias, só conhece o que lhe ensinaram nas aulas primaria e secundaria, pois em nenhuma outra carreira ou curso se allude mais a tal assumpto, comparticipa dos erros governativos; espontaneamente não estuda, não tem essa curiosidade indagadora que o levaria á comprehensão dos traços fundamentaes em que se en-



quadra a restauração economica ultramarina ; falha, portanto, uma opinião collectiva, acertada e logica, que se imponha ; e assim se confundem erros e acertos, porque, além da geral ignorancia, não ha portuguez que não seja desconfiado e maledicente.

Em face d'isto, menos pungem os desatinos dos governos a que a inconsciencia ou a tolerancia nacionaes os obriga ou lhes permite, do que a opinião d'um publico que, permanentemente, damnadamente, diz, quer e faz asneiras.

# INDICE

	Pag.
EXPLICAÇÃO PREVIA . . . . .	5
I. A tatuagem em Portugal. . . . .	11
II. Ensino tecnico. . . . .	21
III. Passeios geologicos. . . . .	31
IV. O Bragança. . . . .	39
V. O bicho da seda. . . . .	49
VI. Antiguidades nacionaes. . . . .	59
VII. As Maias. . . . .	75
VIII. Um curso livre. . . . .	87
IX. Flora extincta. . . . .	99
X. O S. João. . . . .	109
XI. Livros d'aula. . . . .	123
XII. A inspecção militar e a anthropologia. . . . .	135
XIII. Os marmores de Vimioso. . . . .	145
XIV. Os ciganos de Portugal. . . . .	155
XV. As dunas. . . . .	167
XVI. O principe de Monaco. . . . .	179
XVII. As ostras. . . . .	189
XVIII. O museu da Restauração. . . . .	201
XIX. Carvão e ferro. . . . .	213
XX. A piscicultura em Portugal. . . . .	225
XXI. O Natal. . . . .	239
XXII. O vinho. . . . .	249
XXIII. As colonias e a opinião nacional. . . . .	261
XXIV. Ir p'r'os estudos. . . . .	271
XXV. As abelhas. . . . .	283
XXVI. O cruel e triste fado. . . . .	293



# LIVRARIA CHARDRON de Lello & Irmão

98, CLERIGOS, 98

<b>Silva Pinto</b>		<b>Guilomar Torrezão</b>	
De palanque, annotações à vida portugueza con- temporanea, 1 vol. ....	600	Pizicatos, a sahir do prelo.	
No Brazil, 1 vol. ....	500	<b>Abbate de Prevost</b>	
Os jesuitas, 1 vol. ....	200	Manon Lescaut, 1 vol. ....	500
A' hora da lucta. ....	400	<b>Bernardim Ribeiro</b>	
<b>Alfredo Mesquita</b>		Menina e moça, 1 vol. ....	500
De cara alegre. ....	500	<b>Bernardin de Saint-Pierre</b>	
<b>Teixeira Bastos</b>		Paulo e Virginia, 1 vol. ...	300
A crise, 1 vol. ....	700	<b>Casimiro d'Abreu</b>	
Rumores vulcanicos, 1 vol.	500	Primaveras, 1 vol. ....	500
Theophilo Braga e a sua obra, 1 vol. ....	700	<b>Renan</b>	
Poetas brazileiros, 1 vol. .	400	Vida de Jesus, 1 vol. ....	600
Interesses nacionaes, a sa- hir do prelo.		Apostolos, 1 vol. ....	600
<b>Julio Brandão</b>		<b>José P. Sampaio (Bruno)</b>	
Pharmacia Pires, 1 vol. .	500	Notas do exílio, 1 vol. ...	600
<b>Theophilo Braga</b>		<b>João Chagas</b>	
As lendas christãs, 1 vol. .	700	Diário d'um condemnado politico, 1 vol. ....	500
Camões e o sentimentalis- mo nacional, 1 vol. ....	600	<b>João Barreira</b>	
Modernas ideias da litte- ratura portugueza, 2 vol.	1\$500	Estudos e phantasias, 1 v. em papel de linho na- cional com um <i>fusain</i> de Cellini. ....	700
Visão dos tempos, (epopéa da humanidade), obras poeticas completas, 4 v.	2\$400	<b>Luiz de Magalhães</b>	
Patria portugueza, 1 vol. .	600	Brazileiro Soares, 1 vol. .	700
Historia da litteratura por- tugueza: Introducção á historia da litteratura, 1 vol. ....	700	<b>Arnaldo Gama</b>	
Sá de Miranda, e a escola italiana, 1 vol. ....	700	Caldeira de Pero Botelho, 1 vol. ....	500
Bernardim Ribeiro, 1 vol.	700	Honra ou loucura, 1 vol. .	500
Gil Vicente, a sahir do prelo.		Filho do Baldaia, 1 vol. ...	600
<b>In Memoriam — Anthero de Quental (homenagem dos seus amigos), 1 vol. em papel de algodão. . .</b>	<b>2\$000</b>	<b>Alexandre Dumas</b>	
<b>em papel de linho. ....</b>	<b>3\$000</b>	A dama das camelias, 1 v.	400
		<b>Ramalho Ortigão</b>	
		John Bull, 1 vol. ....	600